

CIDADANIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

¹Carolina Cristina dos Santos Nóbrega

Prefeitura de Guarulhos

Resumo: O presente estudo compreende que a Educação Física escolar é o espaço de liberdade para pensar, fazer, agir, construir, desta maneira é o espaço de ampliação que propõe aos educandos (junto às demais áreas do conhecimento) a Educação corporal que evidencia as diferentes maneiras de assimilação da linguagem corporal. Assim, é dever deste componente curricular introduzir e inserir o educando no universo das manifestações da cultura corporal de movimento, corroborando com os objetivos educacionais específicos deste nível de ensino e enfatizando uma formação cidadã. A ação pedagógica interpreta a reflexão crítica do educando como eixo norteador do currículo conduzindo-o a autonomia, uma vez que o mesmo é o sujeito do seu próprio conhecimento. Nesse diálogo intrínseco com o corpo, explora-se a diversidade cultural, adotam-se atitudes de cooperação que na relação interativa entre professor - educando desenvolve-se o estudo em equipe. Sendo assim, o objetivo desse estudo foi avaliar como a Educação Física, sobretudo a partir do conteúdo Jogo pode oportunizar a análise do termo cidadania. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, com base na pesquisa-ação e envolveu a participação de crianças de sete turmas do 5º ano e uma turma do 4º ano de duas Escolas Municipais de Ensino Fundamental, localizadas na cidade de Guarulhos/SP. Esta proposta foi realizada em concordância com o Projeto Político Pedagógico das instituições, a Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN) a aprendizagem e o projeto coletivo entre as turmas. Na formação do Projeto Coletivo as rodas de conversa motivaram os educandos a conhecer documentos que garantem o direito dos mesmos (Art. 5º da Constituição Federal, 1988, Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990 e os objetivos específicos dos Ciclos, apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física) do qual foram organizados os conteúdos para a aprendizagem. Os resultados foram significativos, uma vez que enaltecem a inserção de debates sobre valores éticos, estéticos e políticos (descritos na Resolução CNE/CEB nº. 7 / 2010) procedendo na criação de jogos cooperativos, interpretações positivas a respeito da dança, a importância da convivência, ou seja, viver com o outro dentro e fora das situações lúdicas e competitivas do jogo, bem como entendendo o significado de comunidade na produção coletiva e na construção da identidade social. Essa experiência demonstrou o valor de compartilhar diferentes saberes docentes, mobilizar atores, valorizar o diálogo, por meio da problematização dos temas geradores (saúde, trabalho, meio ambiente, educação, lazer, meios de comunicação) percebe - se o envolvimento e a participação ativa das crianças. Além disso, nessa intervenção político - pedagógica foram vislumbradas possibilidades de interdisciplinaridade nas aulas de Educação Física, por exemplo, alguns temas abordados em: História, Matemática e Português que favorecem essa dependência entre as áreas. Portanto, caminhamos para incorporação, atualização dos saberes, persistindo na opinião de que os educandos são seres históricos, autônomos, de voz ativa no meio sócio-cultural, deste modo, sujeitos transformadores da realidade em que atuam.

Palavras chaves: Cidadania; Educação Física escolar; Projeto.

¹ Professora de Educação Física na Educação Básica do Município de Guarulhos /SP

Cidade de Guarulhos/ SP, Escola A com as turmas: 5º anos A, B, C e D e a Escola B com a turma: 4º ano A e os 5º anos A, B e D. Apresenta-se o relato de experiência do primeiro semestre de 2012 das aulas de Educação Física nas instituições de maneira adjacente.

Em diagnóstico ao tema proposto, com base em documentos legais: Art. 5º da Constituição Federal (1988), Lei nº. 8.069/90 – dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Art. 32 da Lei de Diretrizes e Bases nº. 9.394/96, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – Educação Física), as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de nove anos (Resolução CNE/CEB nº7/2010) e a Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN) do Município de Guarulhos. O componente curricular Educação Física deve ajustar-se aos objetivos educacionais específicos do nível de ensino correspondente e neste relato de experiência ao Ensino Fundamental Ciclo II (4º ano) e o Ciclo III (5º anos), assim sendo atende os desígnios descritos no Projeto político – pedagógico das instituições, transparecendo a ação pedagógica que participa da dinâmica organizacional da escola, de tal modo, que essa ação não esta desvinculada das decisões institucionais.

A Educação Física caminha para a superação dessa característica subalterna a qual esteve alinhada (historicamente), com isso percebe-se que a insatisfação dos profissionais da área incentiva outra postura, ou seja, a participação essencial e ativa nas discussões educacionais promovendo a valorização e a seriedade da Educação Física na escola.

A escola carece de transformações significativas, assim, necessita discorrer a questão da modernização, no sentido de interpretar – lá para se adequar às novas gerações, aos aspectos científicos e tecnológicos presentes no contexto social, por conseguinte, cabe à mesma ponderar sobre as características arcaicas de ensino que se excederam como fuga das reais necessidades sociais. A escola é resultado de um Projeto Coletivo, pois nessa esfera todos os sujeitos inseridos são “comum – unidade” (Brotto, 2001) atuam nesse espaço que permanece em construção para alcançar o interesse grupal, expressando aos educandos que a realidade pode ser transformada.

Tendo como referência a análise descrita acima, foi realizada uma pesquisa – ação em duas escolas municipais de Guarulhos/SP. Este estudo começou com a reflexão sobre a ausência da Educação Física na escola e se esta ausência faria alguma diferença. Assim, compreendemos que a área é componente na Educação e encontra-se afastada da própria justificativa, sendo assim, distante da proposta de promover a Educação, ou

seja, torna – lá qualificada. Portanto, o objetivo desse estudo foi avaliar como a Educação Física, sobretudo a partir do conteúdo Jogo pode oportunizar a análise do termo cidadania. Para alcançarmos a Educação de qualidade é fundamental repensarmos o projeto pedagógico do professor, a qualidade política na qual se insere e, sobretudo sua trajetória cidadã, para de fato firmarmos o direito que a totalidade social tem a Educação Básica, que se manifesta na prática da palavra garantia, logo, no respeito à cidadania.

O primeiro passo foi averiguar, por meio do diálogo com os educandos a bagagem cultural dos mesmos, em seguida identificar as possíveis articulações com o Plano de ação desenvolvido na Hora Atividade, a Proposta Curricular – Quadro de Saberes Necessários (QSN) e posteriormente o Projeto político – pedagógico das instituições. Diante disto, foram considerados os objetivos, conteúdos, formas de avaliação, delineados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física no Ciclo II e III do Ensino Fundamental.

O educando é o eixo central do currículo, portanto, para formularmos a escola para os *tempos atuais* precisamos estabelecer projetos que nos o apresente o *esperançar* para que a prática docente tenha sentido e significado na construção do saber, que nos atualize pedagogicamente e politicamente, sendo assim, mencionei o projeto aos educandos com o título “Competir ou cooperar, qual a melhor jogada? (Brotto, 2001)”. A flexibilidade de *mencionar* é diferente de *imposição*, quando mencionamos ao educando determinado assunto representamos o acene, a curiosidade, o despertar para mudança da vida e da realidade. O mencionar é um convite para que o educando no decorrer de processo ensino – aprendizagem possa se apropriar, fazendo com que o projeto perca a característica de ser tão somente uma proposta pedagógica para ser um espaço de problematização com finalidade na produção coletiva.

O grande problema da Educação são os problemas na Educação, assim, o desafio de nós professores é se colocar em desafio, é perceber que o tempo é o nosso maior descompasso, diante disto é na relação interativa entre professor – educandos que destacamos a importância da problematização. Por isso, não nos cabem às respostas prontas, automáticas e sim as tomadas de decisão que a aula nos dispõe para o trabalho em equipe (professor – educando e educando – educando). Segundo Perrenoud (2001):

O que significa tomar decisões no cotidiano da aula? Tomar decisões significa fazer escolhas, julgar, avaliar o que é melhor (em termos de nossas referências ou valores), correr riscos, utilizar conhecimentos ou informações

como elementos importantes nesse processo, saber argumentar, enfrentar situações – problema, elaborar propostas, compreender fenômenos, enfim, participar como sujeito ativo em um sistema (s.p).

O autor afirma que a sala de aula é um sistema complexo que coloca ao professor a seguinte questão – o agir na urgência e o decidir na incerteza, deste modo, se antes a decisão era explicitamente adulta, agora o ensinar e avaliar se aperfeiçoam e isso implica na participação do educando que em busca da autonomia aprende a ser responsável, a tomar decisões, a mobilizar recursos a ser ativo nesse sistema e desafia o professor a perguntar a respeito da sua prática docente.

Essa complexidade chamada ser humano nos faz repensar a respeito do papel da Educação Física na formação ética, ou seja, o que tem sido feito para revitalizar esse valor no âmbito escolar. Afirma Libâneo (2004):

[...] É preciso a colaboração da escola para a revitalização da formação ética, atingindo tanto as ações cotidianas quanto as formas de relações entre povos, etnias, grupos sociais, no sentido do reconhecimento das diferenças e das identidades culturais. Além disso, ao lado do conhecimento científico e da preparação para o mundo tecnológico e comunicacional é necessária a difusão de saberes socialmente úteis, entre outros, o desenvolvimento e a defesa do meio ambiente, a luta contra violência, o racismo e a segregação social, os direitos humanos. (s.p).

Não podemos pensar na questão da aprendizagem sem expressar a acuidade do ato de escolher, assim, a Educação Física escolar é o espaço de liberdade para pensar, sentir, agir, desta maneira é o espaço de ampliação que se fundamenta na ética. Segundo Cortella (2011):

Só se pode falar em ética quando se fala em humano, porque a ética tem um pressuposto: a possibilidade de escolha. A ética pressupõe a possibilidade de decisão [...] É impossível falar em ética se nós não falamos em liberdade. Daí, da liberdade, vêm as três grandes questões éticas que orientam (mas também apresentam, instigam, provocam e desafiam) as nossas escolhas: Quero? Devo? Posso? (p.135).

Vejo como necessidade urgente a superação do imediatismo, do egocentrismo, do individualismo e da competitividade. A conscientização a respeito do viver está para além desse viver no universo do Eu. Não podemos falar de integridade sem pensar na relação com o outro, o que se estabelece no complexo – viver juntos, ou seja, no conviver, favorecendo a nossa subjetividade e nos refazendo perante as contrariedades, igualmente, percebemos a nossa singularidade e o respeito pela vida de todos os seres.

Essas questões norteiam o conviver na escola, realçam as necessárias modificações que englobam desde a parte burocrática – administrativa até o processo final de ensino. Essa modificação ocorrerá no processo de modernidade não pretendo definir este termo e abrir uma discussão sobre, mas refletir a sua relação com a escola. Afirma Demo (1999):

[...] Modernidade significa o desafio que o futuro acena para as novas gerações, em particular seus traços científicos e tecnológicos [...] “Ser moderno” é ser capaz de dialogar com a realidade, inserindo - se nela como sujeito criativo. Faz parte da realidade, hoje, dose crescente de presença da tecnologia que precisa ser compreendida e comandada. Ignorar isto é antimoderno, não porque seja antitecnológico, mas porque é irreal (p. 21).

Se quiser falar em Qualidade sem ansiedade prática a modernidade cairá no contrassenso. É incansável e persistente a tentativa de alguns professores afirmarem na prática pedagógica essa modernidade que acontece pelo anseio da transformação social e em resposta ao ensino arcaico que parasita na Educação. A modernidade a qual me refiro são as estratégias, métodos criativos ocasionados pelo professor que estão intrínsecos na qualidade política a fim de promover a Educação Básica pública.

Segundo Demo (1999):

“Qualidade, em si, é sempre processo humano, mesmo quando se trata de qualidade formal. Um texto de português formalmente bem feito tem suas qualidades na habilidade de fazer, não na forma como tal, que é vazia. Assim, é o aprimoramento do fator humano que transmite e produz a qualidade. Existe hoje o reconhecimento crescente sobre isso, inclusive no sistema produtivo, cuja qualidade é expressão da competência humana, muito mais que dos insumos, da matéria – prima, dos métodos etc. A pedra de toque da qualidade educativa é o professor” (p.144).

A Educação Básica, uma vez qualificada alcançará a maioria, caso contrário a isso, não existe qualidade e sim privilégio a minoria e o que caracteriza os demais como vítimas desse processo educacional. Para mudarmos esse quadro defendo a idéia do ensino político, ou seja, todos os atores envolvidos na comunidade escolar, na Educação como um todo, precisam apropriar-se desse processo de mudança educacional. Então nós precisamos avaliar agir, proporcionar ações no âmbito governamental, se somos nós participantes desse universo escolar, mesmo diante das contrariedades, somos nós que devemos compartilhar: encontros, leituras, possibilidades, projetos, a respeito da realidade vivida para auxiliar no desenvolvimento das políticas públicas educacionais.

Esse breve levantamento foi para delinear uma ótica própria, política que fez do Projeto “Competir ou cooperar, qual a melhor jogada?” (Brotto, 2001) uma

possibilidade de leitura do termo cidadania, sendo assim, o mesmo foi vivenciado em fases. Nos próximos Parágrafos segue a narração das experiências nas aulas de Educação Física adjacente a reflexão apresentada até o momento nessa breve revisão da literatura.

A nossa primeira aula do 1º Bimestre iniciou com essa pergunta: “*Professora nós vamos jogar futebol, né?*”, após essa pergunta fizemos uma dinâmica de grupo que buscava mostrar o corpo em movimento e refletia uma coreografia simples de dança ao som corporal, por meio de gestos criados pelo grupo e ao final dessa experiência perguntei para os educandos:

– Nós dançamos? Nós fizemos Educação Física?

Havia o silêncio e a expressão de dúvida no rosto dos educandos, mas aos poucos as respostas foram surgindo e a impressão de que dançamos deixou de ser impressão e virou um fato, assim, fizemos Educação Física.

O protagonista futebol não saiu da fala dos meninos (aliás, essa fala se repetiu em todas as turmas), inclusive posteriormente me relataram que a aula de Educação Física seria mais legal se os meninos fossem separados das meninas. Convidei os educandos a construir um Projeto comigo, esse seria o nosso desafio semestral. As fases do Projeto se caracterizam pela formação das equipes (mista), a criação da bandeira, do hino (que reflete a identidade social das equipes), bem como a criação do jogo, da coreografia simples de dança e a opção do teatro para apresentação dos trabalhos.

A Dança foi um subsídio para a interação entre os gêneros, com exemplos positivos da mídia de que os homens e mulheres dançam, então se a dança é um espaço também masculino, há o espaço feminino também no futebol. A Constituição Federal Art. 5º proporcionou essa linha de raciocínio – direitos e deveres iguais para todos.

O Jogo foi o tema aprovado por todos, por meio de votação (o primeiro passo para entender que todos têm o direito de falar e para garantir esse direito é necessário aprender a ouvir o que o outro tem a dizer) esse foi o começo do nosso debate nas rodas de conversa sobre respeito às diversidades e o papel da democracia. A função do tema é contextualizar o educando no universo da cultura corporal para que o mesmo compreenda a importância de vivenciá-la com autonomia. Para isso, é necessário fazer com que o futebol deixe de ser protagonista e se transforme num elemento dos bastidores da Educação Física escolar para que a representação do esporte seja significativa.

Por meio, do convite tracejamos o nosso Planejamento Participativo, de acordo com a bagagem cultural dos educandos escolhemos os subtemas para serem vivenciados no decorrer dos semestres (saúde, trabalho, meio ambiente, educação, lazer, meios de comunicação), portanto, cada equipe tem um subtema para se fundamentar, e isto consistiu em pesquisar no 1º semestre e aprofundar no 2º semestre.

Para favorecer a concepção democrática de Educação ao patrimônio cultural corporal das instituições aqui mencionadas, essa proposta crítica se desenvolve na vivência do Projeto Político, de modo que reflete o currículo, ou seja, nossa trajetória educacional, portanto, influência esse processo histórico, sócio-político de produzir e expressar a cultura corporal. Do mesmo modo, podemos construir e divulgar nas escolas o acervo da cultura corporal da comunidade local, da sua realidade vivida e ao término do projeto será deixado nas escolas os jogos, as bandeiras e hinos que os educandos criaram para acervo cultural da comunidade local.

. Segundo Lima e Neira (2010):

[...] Sendo a escola o espaço determinado socialmente para a socialização do patrimônio cultural historicamente acumulado, entende-se como função social da Educação Física escolar, proporcionar ao aluno das diferentes etapas de escolarização uma reflexão pedagógica sobre o acervo das formas de representação simbólica de diferentes realidades vividas [...] (p.04).

O que se interpreta nesse contexto como modernidade com intuito de desenvolver a Educação Física pedagógica, ou seja, o que é presente em alguns encontros, relatos de experiências que apresenta a teoria da prática é a constituição de uma Educação Física para além do saber fazer pelo fazer. Queremos a Educação Física que contemple outros saberes (pensar, agir e o fazer com perguntas sobre o fazer) igualmente, a formação integral do educando, de tal modo que se apresente ao mesmo por ações interdisciplinares, instigando a curiosidade de desvelar as relações de poder presentes na nossa sociedade, se identificando socialmente, produzindo, reproduzindo e transformando a cultura corporal.

O termo convite utilizado em algumas frases se refere à fase de experimentação, na qual o educando compreende que o mesmo deve se dar à oportunidade de vivenciar diversas possibilidades. Portanto, esse desenvolvimento pedagógico no campo da Educação Física escolar não é uma imposição, nasce do pressuposto de que o professor acredita na democratização da Educação Básica pública e através de ferramentas pedagógicas promove esse acesso ao patrimônio da cultura

corporal e possibilita mostrar que a escola é o palco das discussões políticas, sociais visando o futuro com condições de equidade social, cultural e política.

Nesse estudo com os educandos, após os conflitos de cada equipe, a questão que sempre esteve presente desde o início da criação das bandeiras e dos hinos é justamente essa – como lidar com a contrariedade e particularidade conhecer no todo a singularidade de cada um. Por isso, a importância das rodas de conversa veja alguns exemplos sobre o que foi conversado em grupo: a evolução do papel da mulher na sociedade; como o Brasil deixa aos poucos de ser o país estritamente do futebol e engloba outros esportes; ética; Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); valorização das Danças como expressões e interpretações corporais; a relação da Cultura corporal com a cidadania. O diálogo é uma ferramenta fundamental e para diminuir atitudes de preconceito e essa busca pela modernidade defendida nesse texto (mesmo que isso seja em longo prazo histórico) se concretiza pela apropriação de propostas críticas anunciadas, dialogadas, compartilhadas com suas particularidades para diferentes contextos, de tal modo, superamos aos poucos o conservador e as falas, atitudes alienadas com o papel da conscientização.

A riqueza da Educação Física está na sua pluralidade, no sentido de que com essa característica, não pode ser subalterna, não pode ser a parte, não se deve pensar que cada área traz a sua especificidade e sim considerar que a educação física e as demais áreas do conhecimento são o todo denominado de Educação. E por meio, de projetos revela a ampliação do conhecimento docente e discente e essa ampliação não acontece por causa de casos específicos, isolados este ou aquele professor é responsável por esse resultado positivo, acontece de um trabalho coletivo que tem como alavanca a cultura organizacional e a gestão de equipe voltada para o interesse de todos.

Quando os educandos criam suas bandeiras, hinos encontram-se: com os gêneros textuais, com o Projeto da Alfabetização, com o Projeto de Artes ou quando os educandos selecionam suas músicas para a criação da coreografia simples de dança encontram-se: com o Projeto de Inglês (a influencia musical norte – americana), novamente com o Projeto de Artes (a influencia musical africana) e, por conseguinte, encontram – se com o Projeto Constituição no debate sobre direito e deveres e vinculam todos esses projetos ao Projeto de Educação Física. O que me parece é que todas as áreas do conhecimento saíram ao mesmo tempo, do mesmo ponto de partida e buscaram nos diversos saberes docentes e no consenso em comum alcançar o ponto de chegada que é a ampliação do conhecimento, na qualidade da Educação Básica pública.Utopia

ou não, o fato é que essa busca esperançosa fez com que a nossa Educação Física escolar torna-se aos olhares de outras áreas essencial e significativa.

Para que o educando pratique sua voz ativa é preciso fomentar espaços adequando o mesmo ao papel de sujeito na construção do seu próprio conhecimento e nesse procedimento compete o desenvolvimento da responsabilidade. Essa caminhada que se faz do conhecimento empírico ao conhecimento crítico passa pela ação de ressignificar ideias. E no contexto, sobretudo do Jogo, foi fundamental o levantamento de dados históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais, de tal modo que revela a importância do ato de pesquisar, de descobrir possibilidades, de conhecer e se informar a respeito dos acontecimentos no mundo, os educandos perceberam que é necessário investir, enriquecer, se responsabilizar pelo projeto. O exemplo disso é a etapa da criação do Jogo que não pode ser desconectada do impulso social, no sentido de que esse jogo deverá alcançar a todos os educandos respeitando as suas singularidades. A partir da metodologia dialógica com princípio na adequação do aluno, de sua inclusão, os estudos efetivados pelas equipes demonstraram a preocupação de cuidar de si e do outro nas situações de jogo e esse cuidado antecede – se a vivência do próprio jogo é a cautela pensada e repensada na criação e referenciada troca de informações realizadas nas rodas de conversa e na sala de aula.

Na observação das aulas, conversas nas rodas, verificou-se conflitos de pontos de vista, de relacionamento, o papel da liderança, entretanto a liderança (muito questionada) foi desafiada com estratégias particulares de cada equipe para a escolha do seu representante, de suas regras, foi um incansável exercício que as poucos ressaltou que o líder não é aquele que manda, não é o autoritário, líder é aquele que sabe ouvir, que procura o equilíbrio diante das diferenças, através do diálogo e isso auxiliou a todos e principalmente os educandos com dificuldade de se relacionar melhor na equipe. Também ampliou o desenvolvimento dos educandos para a autonomia e os mesmo se sentiram valorizados, seguros, participando de maneira enfática (em sua maioria) deste projeto, aceitando as aulas com as equipes mistas e entendendo que quem faz a sociedade são homens e mulheres.

Nós fizemos no mês de Junho a Avaliação Coletiva que consiste em avaliar o desempenho da professora, dos integrantes da equipe e se auto – avaliar (é próximo da ideia da avaliação de 360°), sendo esta avaliação participativa e junto da mesma a avaliação fora dos muros da escola que ocorreu nos Jogos escolares municipais (JEM). E nesse acompanhamento os educandos deixaram em evidência que participavam do

jogo para se divertir, para jogar com o adversário e não contra o adversário. Se existia alguma dúvida sobre a apropriação do educandos pelo projeto de Educação Física realizado na escola, esta ficou esclarecida pelas atitudes nas situações de jogo, no qual o lúdico esteve em destaque com relação a competição. O resultado da Avaliação Coletiva também foi positivo e significativo, uma vez que percebemos que a transformação só acontece no sucesso da produção coletiva e essa transformação a qual me refiro é a transformação na vida dos educando, no despertar para uma realidade que pode ser mudada. O mérito desse sucesso não vem de atores isolados, pois quando pensamos na transformação social, pensamos nessa mutua dependência de uns com os outros e essa experiência por agora compartilhada, faz valer o conceito de que a Educação Física se justifica na escola, promove o intercâmbio cultural entre os discentes e docentes, manifesta o acesso ao patrimônio cultural, conhecido e construído por esses educandos e isto, poderá transformar outros contextos dentro e fora de outras escolas exercendo a cidadania.

Considerações finais:

Tudo o que foi relatado corrobora com a concepção de que o papel da Educação Física escolar não se restringe a ensinar os conteúdos, de maneira fechada, se transcende a isso, apresenta-se na sua participação política na construção do Projeto político – pedagógico das instituições no Ensino Fundamental I, no intercâmbio dos saberes docente. Parte do pressuposto que apreende a realidade vivida pela comunidade, logo, pode e poderá adequar-se as necessidades da mesma, sugerindo possibilidades de transformação.

A Educação Física democrática que convida o educando, por meio de projetos a criatividade, a inovação, a valorização de suas vozes, proporcionando segurança e esperanças um futuro melhor é a mesma que qualifica a Educação que anuncia suas descobertas, que questiona junto às demais áreas do conhecimento, pois não há garantia de acesso ao conhecimento com a fragmentação do saber, essa Educação Física que supera a ingenuidade introduzindo e inserindo o educando na cultura corporal tornando –o crítico e cidadão.

Pelo que foi exposto, posicionamo-nos que não queremos com esse projeto discursar a cultura corporal, queremos a Educação Física de caráter pedagógico que busque a democratização do ensino, o intercambio cultural entre os educandos, entre as

instituições que aperfeiçoe ideias para relacionar-se com outras instituições sociais nas práticas corporais. Por exemplo, os Jogos escolares devem enaltecer a participação do jogo como ponto de encontro e não confronto entre as crianças e adolescente, assim como acontece nos Jogos escolares municipais de Guarulhos.

Não posso garantir que todos os educandos mudaram de opinião, mas a maioria das crianças nas duas instituições apresentou a vontade de buscar a mudança social, alguns relataram que jogaram seus jogos fora das aulas de Educação Física ou que criaram outros jogos com seus vizinhos e parentes. Portanto, caminhamos para incorporação, atualização dos saberes, persistindo na opinião de que os educandos são seres históricos, autônomos, de voz ativa no meio sociocultural, deste modo, sujeitos transformadores da realidade em que atuam e que ao anunciar suas propostas, cooperando para garantia do direito ao conhecimento fazem a leitura da cidadania.

Bibliografia:

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos.** São Paulo: Cortez, 2011.

BROTTO, F. **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar.** Santos, SP: Re – novada, 2001.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação.** Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola.** Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, M. e NEIRA, M. O currículo da educação física como espaço de participação coletiva e reconhecimento da cultura corporal da comunidade. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, v. 51, n. 5, p. 01 -10, 2010.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.** Porto Alegre: Artmed, 2001.